



RPM

Revista Portuguesa de Musicologia
Portuguese Journal of Musicology

Recensão: *Nostalgia*, André Granjo (dir.), Luís Carvalho, Orquestra de Sopros do DeCA - UA (CD Tradisom - Universidade de Aveiro, 2019) e Silas Granjo (coord.), «O Philarmonico Portuguez», *YouTube* (2022)

Review: *Nostalgia*, André Granjo (dir.), Luís Carvalho, Orquestra de Sopros do DeCA - UA (CD Tradisom - Universidade de Aveiro, 2019) e Silas Granjo (coord.), «O Philarmonico Portuguez», *YouTube* (2022)

Rui Magno Pinto | Universidade Nova de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, CESEM, Portugal

rmpinto@fcsh.unl.pt | <https://orcid.org/0000-0002-7713-7844>



<https://doi.org/10.57885/rpmns.563>

**RPM**Revista Portuguesa de Musicologia
Portuguese Journal of Musicology

nova série | new series

11/2 (2024), pp. 295-302 | ISSN 2183-8410

doi: 10.57885/rpmns.563 | <http://rpm-ns.pt>

Recensão: *Nostalgia*, André Granjo (dir.), Luís Carvalho, Orquestra de Sopros do DeCA - UA (CD Tradisom - Universidade de Aveiro, 2019) e Silas Granjo (coord.), «O Philarmonico Portuguez», YouTube (2022)

Rui Magno Pinto

Nos últimos anos, avultou consideravelmente o nosso conhecimento sobre o repertório para banda de compositores portugueses. Em resultado do trabalho encetado por académicos e entusiastas em projectos de investigação, cerca de 300 obras compostas entre o último quartel do século XIX e as últimas décadas do século XX podem hoje ser ouvidas em disco ou em plataformas *online*.

Nostalgia, disco coordenado por André Granjo, é dos muitos prolíferos *outputs* do projecto de investigação «A nossa música, o nosso mundo: Associações musicais, bandas filarmónicas e comunidades locais (1880–2018)», dirigido por Maria do Rosário Pestana. Nele se reúne uma dezena de composições para banda, seis das quais excelentemente interpretadas pela Orquestra de Sopros do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, sob a direcção de Luís Carvalho e André Granjo, e outras em gravações históricas. Por sua vez, o projecto «O Philarmonico Portuguez», coordenado por Silas Granjo, recupera mais de 280 outras obras, disponibilizadas em registo audiovisual (em MIDI e *score scrolling*), num canal homónimo de YouTube.¹

O registo discográfico *Nostalgia* assinala o contributo das bandas como «centros vitais da prática e fruição musical»² no período compreendido entre as últimas décadas do século XIX e a década de 1940, cumprindo de modo notável a intenção de recriar parte do ambiente sonoro dessa época, por via da recuperação, edição crítica e gravação de algumas aclamadas obras – entretanto esquecidas – que se preservaram nos arquivos de bandas militares e filarmónicas, bem como da divulgação de gravações realizadas pelas bandas regimentares nacionais nas primeiras décadas do século XX.

1 Ver <<https://www.youtube.com/@ophilarmonicoportuguez753/videos>>.

2 André Granjo, «[Notas ao disco]», *Nostalgia* (CD Tradisom - Universidade de Aveiro, 2019).

Ilustrando os meios pelos quais o público ouvia música para banda desde finais do século XIX, em concertos públicos, audições de fonógrafo e, mais tarde, pela rádio, *Nostalgia* reúne obras representativas de reputados compositores da época nos principais géneros interpretados pelas bandas: rapsódias sobre temas tradicionais folclóricos e urbanos ou recriações desse cancioneiro; aberturas, fantasias e odes sinfónicas; música de dança; peças concertantes; e marchas.

O repertório incluído em *Nostalgia* reitera, aliás, a expectável ressonância das tendências de programação dos concertos públicos – de orquestra – no Portugal de finais do século XIX, na composição para banda. *Rapsódia Hilariana* (1898) de João Carlos de Sousa Morais (1860–1919); *Canções da Beira* (c. 1908) de Joaquim Filipe da Silva (1863–1928); e *Capricho Varino* (c. 1935) de José da Silva Marques (1888–1955), surgem, como as seminais *Rapsódias Portuguesas* de Hussla, inspiradas (indirectamente) pelo intuito de recolha do cancioneiro popular nacional – sucessivamente sugerido aos mestres de banda militar em 1893, 1901 e 1914³ – e, sobretudo, pelas aspirações de criação de uma «música nacional portuguesa» – que, no entendimento de alguns críticos locais, se erigia sobre esse repositório musical tido como autêntico, puro, singular, vetusto e anónimo. A terceira rapsódia de Sousa Morais, a segunda rapsódia de Silva (arranjada para banda por Joaquim Fernandes Fão), o escorço sinfónico de Silva Marques – como outras rapsódias destes e de outros compositores – relacionam-se com estes ensejos, propalados por Joaquim José Marques, Greenfield de Melo, Júlio Neuparth, Ernesto Vieira e por António Joyce, desde meados da década de 1880 a meados da década de 1930.⁴

A recuperação de tais rapsódias encetada por Luís Carvalho e André Granjo ilustra-nos também as concepções e os processos composicionais empregues por diversos autores na criação de uma «música instrumental nacional portuguesa». Sousa Morais e Filipe da Silva tomaram dos cancioneiros de Neves e Fernandes Tomás as «características», «rústicas» e «saudosas» canções populares, trabalharam-nas com criatividade, para as «[fazer] entrar nos domínios da arte mais esmerada» – como preconizava Ernesto Vieira, em 1908.⁵ Silva Marques concretiza-o de outro modo, conferindo cor local a temas de sua lavra, aproximando-se do entendimento de Viana da Mota, que valorizava o «colorido nacional» enquanto «própria expressão [do autor] para [veicular] o sentimento da nação».⁶

3 Pedro Marquês de Sousa, «As bandas de música no distrito de Lisboa entre a Regeneração e a República (1850-1910): História, organologia, repertórios e práticas interpretativas» (tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, 2014), I: pp. 198-9, 298-9; II: pp. 178, 184, 273.

4 As ideias de criação de uma «música nacional portuguesa» haviam surgido já, no campo da ópera, nas décadas de 1830 e 1840 e reemergiram em meados da década de 1880, a respeito da ópera e da música instrumental. Sobre esta temática, ver Rui Magno Pinto, «Portugal. 7. National Music», in *Encyclopedia of Romantic Nationalism in Europe*, editado por Joep Leerssen (Amsterdam, Amsterdam University Press, 2018), pp. 1263-5; Pedro Moreira, «“Cantando espalharei por toda parte”: programação, produção musical e o “aportuguesamento” da “música ligeira” na Emissora Nacional de Radiodifusão (1934-1949)» (tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, 2012), pp. 38-114.

5 Ernesto Vieira, *A música em Portugal: Resumo histórico* (Lisboa, Livraria Clássica, 1908, 1911²), pp. 7-8.

6 José Viana da Mota, «A recente música de piano russa», *Die Musik* (1 de Abril de 1907).

Cenas Espanholas de Manuel da Encarnação (1863–dps. 1913) ilustra o fascínio dos compositores nacionais por um *pintorequismo espanhol* que grassava desde as últimas duas décadas do século XIX. Encarnação complementa a obra com elementos de *andalucismo* e *allambrismo musical* (a cadência andaluza, o arabesco, o modalismo de ascendência árabe), de danças como as *sevillanas* e o *fandango*, do *toque de salida* das touradas e de temas líricos que fazem recordar a *zarzuela*. Ademais, a peça de Encarnação, bem como as de Ribeiro Dantas, Sousa Morais e Silva Marques sugerem que, embora a escrita de fantasias e rapsódias não demandasse um profundo domínio de elaboração das estruturas formais, os compositores parecem não ter desmerecido esse parâmetro, socorrendo-se da recorrência temática e motívica para conferir organicidade às suas obras.

Outra das tendências reveladas neste disco é a composição de música programática, de feição romântica, inspirada pelas artes, pela literatura, pela história, pela mitologia, pela Natureza. Em *Chrysis*, uma *ouverture* em estilos de dança, António da Cunha Taborda (1857–1911) terá procurado retratar a cortesã do romance *Aphrodite: moeurs antiques* (1896) de Pierre Louÿs.

Em *A Serra de Cintra*, Carlos Adolfo Sauvinet (1836–1905) tomou como mote a arquitectura palaciana e medieval e as paisagens naturais da vila para celebrar os episódios faustosos e trágicos da história nacional associados a Sintra. A ode sinfónica, estreada em Março de 1893 na versão para banda produzida por Manuel Augusto Gaspar, emergia dos projectos de comemoração do descobrimento do caminho marítimo para a Índia, sugeridos já em 1889 pela Sociedade de Geografia, dedicatária da obra.

Inspirado na lenda medieval, que interessou a Geminiani, Weber, Raff, Mussorgski, Rimski-Korsakov, d'Indy e outros, Artur Ribeiro Dantas (1886–1943) recriou na fantasia *Bosque Misterioso* os ambientes bucólico, pitoresco, fantástico e sobrenatural de uma Natureza mítica com especial criatividade. Em *Amazona*, o compositor terá pretendido aludir à mulher-guerreira (e não tanto ao rio ou região do Brasil).⁷ Quando Ribeiro Dantas iniciou funções como chefe da orquestra do Teatro Sá de Miranda para as sessões de cinema mudo,⁸ várias criações sobre essa mesma temática da amazona, e com esse mesmo título, circulavam nos animatógrafos e teatros de Lisboa – e possivelmente, do país. Terá Ribeiro Dantas criado para uma dessas projecções, entre 1912 e 1932, alguns dos temas que constituem a fantasia concluída em 1940?

De Braço Dado, de Joaquim Fernandes Fão (1894–1963), recuperada numa gravação da Banda da Guarda Nacional Republicana sob a direcção do seu autor, surge como exemplo de dezenas de polcas para flautim, requinta, clarinete, saxofone, cornetim e barítono *solo*, de compositores portugueses, caracterizadas por uma escrita idiomática de grande exigência interpretativa, que perduravam nos programas de concerto desde pelo menos os finais da década de 1870.

7 Luís Carvalho, «Bandas filarmónicas portuguesas: viveiro de músicos. Origens, opções profissionais e imaginário musical – um testemunho pessoal», in *Our Music, Our World: Wind Bands and Local Social Life*, editado por Maria do Rosário Pestana, André Granjo, Damien Sagrillo, Gloria Rodríguez-Lorenzo (Lisboa, Colibri, 2020), pp. 319–27.

8 Paula Anjos, *Teatro Municipal Sá de Miranda 1885–2020: 135 anos de memórias* (Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2021), pp. 111–8. Carla Soares Barbosa, *Viana do Castelo: o Teatro Sá de Miranda no espaço músico-cultural da cidade (1885–1914)* (Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1995).

Encerra o disco uma gravação histórica da marcha *O Sapador* de Armando Fernandes (1889–1966), pela Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro, organizada em França, na Primeira Grande Guerra, pelo contramestre de clarins Pedro de Freitas. Nesta original peça para banda e clarins, é particularmente interessante a hábil justaposição que Fernandes produz do primeiro tema com o toque de continência *Marcha de Guerra* (inspirado na vetusta *Marcha grave* de 1797).⁹

Nostalgia emerge do vasto conhecimento e empenho de André Granjo, Luís Carvalho, Silas Granjo, Rodolfo Campos, Francisco Coutinho, Amílcar Morais, Dina Coimbra, José Jacinto Camelo, José António Freire e João Elias Franco, que prepararam as edições críticas das obras e redigiram as notas para esta publicação, incluindo um prefácio sobre o florescimento e enfraquecimento das bandas nacionais entre c.1880 e c.1970, verbetes sobre os compositores nacionais e as suas obras, e descrições sumárias das gravações históricas contidas neste disco.

A mesma equipa prosseguiu, sob a coordenação de Silas Granjo, com a recuperação do repertório para banda de compositores portugueses, privilegiando a divulgação das cerca de 260 obras editadas por António Francisco Ribeiro do Couto (1860–1910) entre 1898 e 1910 em *O Philharmonico Portuguez*, um hebdomadário de custo módico destinado às bandas civis nacionais. Cada obra é disponibilizada em áudio MIDI ou gravação, com vídeo do manuscrito copiado, sendo incluídas, na descrição, breves notas acerca da obra, do compositor e da sua produção, bem como as hiperligações para a transferência dos materiais da edição moderna. Nas notas, são aventadas pertinentes conclusões sobre o meio filarmónico nacional e sobre a actividade e obra de vários mestres de música, músicos militares e regentes de filarmónicas. Especificamente, Granjo e a sua equipa propõem que Ribeiro do Couto terá sido o autor de quatro quintos das obras editadas em *O Philharmonico Portuguez*, tendo assinado quarenta obras e usado, para a publicação de outras cento e cinquenta, de diversos pseudónimos (como J. D. d'Oliveira, I. J. Martins, Maria R. C. Silva, J. M. Mattos Júnior, D. F. Ruy e E. S. Leite). Consideram que as restantes cinquenta e tantas peças são da lavra de mestres de música e músicos militares, regentes de filarmónicas e compositores nacionais e estrangeiros, contemporâneos de Ribeiro do Couto – entre os quais Mendes Canhão, Filipe Fernandes e José Maria de Carvalho.

Concluído aquele propósito, a equipa dedicou-se recentemente à divulgação de obras célebres para banda de maestros de bandas militares e civis, dos séculos XIX e XX – marchas graves e fúnebres, passos ordinários e dobrados, fantasias, rapsódias, odes sinfónicas, pot-pourris e selecções de del Negro, Taborda, Benjamim da Costa, Sousa Morais, Encarnação, Fão, Mineiro, Chicória, Piedade Vaz, Samões, Silva Marques, José Gomes de Figueiredo, Sebastião Ribeiro, Manuel Ribeiro da Silva, José Paiva Queirós, Joaquim Coelho Lima, Hermínio Santos Leite; António Moniz Barreto; Raúl, António e Manuel Coelho da Silva; Manuel Mendes Canito e

9 Pedro Marquês de Sousa, *Toques de Ordenança Militar* (Cascais, Tribuna da História, 2013).

Benjamim Rodrigues. Surgem também no repositório algumas das grandes obras do repertório internacional para banda da época – as *sinfonias* de Frosali e Manente –, bem como algumas transcrições de ópera, de autor não identificado – das inúmeras conservadas em arquivos e colecções particulares. Nesse ensejo, a equipa concretizou a divulgação de obras de outros periódicos e catálogos de música para banda coeva – tais como *O Filarmónico*, de João Pereira Mineiro, *El Pentágrama* (Madrid) ou Adolfo Lapini (Firenze); ou as colecções das firmas Francisco Guimarães (Porto) e Olímpio Medina (Coimbra).

Muito mais do que colectâneas de música para banda, constituídas de interpretações modernas, gravações históricas e outros registos audiovisuais, o registo discográfico *Nostalgia* e o canal «O Philarmonico Portuguez» são repositórios de um monumental labor de investigação e identificação, de edição, análise e revisão, de gravação e de divulgação do repertório oitocentista e novecentista português para banda, disponibilizado em manuscritos avulsos, em periódicos e catálogos de firmas, e que remanesce nos arquivos de bandas militares e filarmónicas e em colecções pessoais de todo o país e da diáspora portuguesa. São também, afinal, portadas para auspiciosos projectos artísticos e científicos.

Nostalgia e «O Philarmonico Portuguez» afirmam-se como iniciativas de preservação e disseminação do património musical nacional que restituem às colectividades o seu mais valioso espólio, que facilitam a estreia moderna de tais obras em concertos e que, sobretudo, convidam à colaboração e à prossecução de congéneres acções de recuperação e difusão da nossa herança musical.

Tais repositórios e o colossal trabalho que os alicerça atalham caminhos vários de pesquisa. A actividade e produção de mestres e músicos de bandas em cidades, províncias e na diáspora é ali esboçada, contribuindo para a redacção complementar de histórias locais da música. Os manuscritos, edições e registos áudio disponibilizados auxiliam a análise das práticas de composição, transcrição e instrumentação para banda, o exame das interpretações de compositores-maestros da época e a apreciação da vetusta produção discográfica das bandas portuguesas. A identificação de periódicos e catálogos incrementa a inquirição das estratégias comerciais das firmas de música nacionais. A par de outras fontes, o *corpus* de cerca de 300 obras possibilita o estudo dos repertórios, das transformações dos programas de concerto, e, por extensão, do gosto dos públicos.

O disco *Nostalgia* e o canal «O Philarmonico Portuguez» constituem notáveis trabalhos de investigação que oferecem testemunho da ressonância local de tendências de composição cosmopolitas e dos anseios de uma *intelligentsia* na criação de uma música nacional, trazendo à evidência algumas das afinidades com outras tendências musicais coevas. Possibilitam, afinal, o cotejo de vários objectos de estudo, de vários repertórios – a discussão da música de banda, com a música sinfónica, concertante; o estudo do labor artístico das bandas no âmbito da actividade concertística nacional; entre outros –, que em muito enriquecerá a compreensão e reescrita da história da música em Portugal.

Rui Magno Pinto é investigador integrado do Centro de Estudos em Música da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CESEM NOVA FCSH), membro do Caravelas e da Sociedade Internacional para a Investigação e Promoção da Música para Sopros (IGEB). É professor do Departamento de Música da Universidade do Minho e leccionou no Departamento de Ciências Musicais da NOVA FCSH. Tem publicado sobre a vida concertística portuguesa no Período Liberal, a obra sinfónica e concertante de compositores portugueses, o movimento filarmónico e o associativismo musical profissional nacionais, e música e assistência social em Portugal. Pinto coordena projectos artísticos para a inclusão social, promovendo a aprendizagem musical a pessoas com deficiência visual.